



## A “CIÊNCIA EIDÉTICA” EM HUSSERL

JORGE ALBERTO DA COSTA ROCHA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Como efetivo criador da corrente fenomenológica, as contribuições de Edmundo Husserl para os futuros fenomenólogos foram inegáveis. Entretanto, dado ao rigor da sua exposição conceitual, muitos pontos do seu pensamento oferecem dificuldades ao leitor e requerem uma atenção especial. Um desses, talvez, fosse o que chamou de “ciência eidética”, considerada pelo autor como um dos “alicerces” da nova ciência que ele busca fundar. A tarefa de salvar a filosofia, diante do imperialismo metodológico das ciências naturais em fins do século XIX, passava pela compreensão daquele conceito, ao lado de uma crítica feroz às ideias preconcebidas dos positivistas e empiristas da época. Buscamos com este artigo reconstruir essa difícil passagem de Husserl entre as ciências de fato e a nova ciência de essência, elucidando aquilo que seria o momento inaugural da Fenomenologia na obra *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (2006).

**PALAVRAS-CHAVE:** ciências naturais; Positivismo, Husserl, ciência eidética.

**ABSTRACT:** As an effective creator of the phenomenological current, Edmund Husserl's contributions to future phenomenologists were undeniable. However, given the rigor of his conceptual exposition, many points of his thought offer difficulties to the reader and require special attention. One of these, perhaps, was called "eidetic science", considered by the author as one of the "foundations" of the new science he seeks to found. The task of saving philosophy, in the face of the methodological imperialism of the natural sciences at the end of the 19th century, involved understanding that concept, alongside a ferocious criticism of the preconceived ideas of the positivists and empiricists of the time. We seek with this article to reconstruct that difficult passage of Husserl between the real sciences and the new science of essence, elucidating what would be the opening moment of Phenomenology in the work *Ideen zu einer reinen phänomenologischen philosophie und phänomenologischen philosophie*.

**KEYWORDS:** natural sciences; Positivism, Husserl, eidetic science.

Os grandes filósofos foram aqueles que, não raro, encabeçaram propostas robustas, ideias desconcertantes para a época, visões muito além do alcance dos que vivem naquele tempo presente. Em síntese, os filósofos são “extemporâneos” (pelo menos os “bons” filósofos, diria

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia (PPGEFCHF/UFBA). E-mail: jorgeacr@terra.com.br. Em outro trabalho (ROCHA, 2018) já tínhamos buscado nos aproximar do empreendimento fenomenológico husserliano. Retomamos aqui um pouco disso, mas agora buscando compreender algo mais específico, a questão da “ciência eidética” no autor.

Nietzsche).<sup>2</sup> Acreditamos que, sem nenhuma ressalva, a proposta husserliana se encaixa perfeitamente aí. Acreditamos que o seu projeto fora eminentemente radical – no sentido de buscar mesmo ir à raiz dos problemas – e de maneira urgente.

Em fins do século XIX eram as ciências naturais, com toda aquela tradição exitosa de Galileu ou Newton, sem contarmos aqui inúmeros outros, que representavam a bandeira do saber ou conhecimento. O método que utilizavam era também o cânone a ser seguido por aqueles que buscavam um saber certo e rigoroso. Observar, experimentar, matematizar, transformar tudo em lei, podendo doravante aplicar com grau de certeza os seus resultados, que lugar havia para a filosofia? Pouca coisa e, no geral, posições de negatividade e de desconfiança em relação ao seu saber.

Ao falarmos sobre algo como uma “extemporaneidade” em Husserl (1859-1938) é no sentido do seu esforço filosófico hercúleo, ao ponto de inverter a polaridade axiológica à época: será o filósofo o “autêntico positivista”! Assim, a Fenomenologia vai querer soerguer-se não somente como mais uma ciência, ao lado das outras, senão ser a maior e mais fundamentada ciência até então desenvolvida. Um projeto “delirante”, poder-se-ia pensar, como nos convida à reflexão o professor Carlos Alberto Ribeiro de Moura?<sup>3</sup> Se for esse o caso, não o foi sem que argumentos profundos e elaborados com cuidado estivessem arrolados, certamente tanto para dar fôlego ou sobrevivência à Filosofia, quanto para abrir vastíssimos horizontes para os próximos fenomenólogos que iriam, cada um ao seu modo – mas guardando certas linhas diretrizes do seu mestre – construir outras “máquinas conceituais” (usando aqui um termo de Deleuze e Guattari).

Será uma das metas desse trabalho percorrer um pouco essa seara argumentativa, mostrando paulatinamente como a compreensão da distinção entre ciência de essência e ciência de fato significará estarmos nos transportando, diz Husserl, para os “alicerces essenciais de nossa construção da ideia de uma fenomenologia pura” (HUSSERL, 2006, p. 59). Para tanto, optamos por percorrer, em especial, as *Ideen zu einer reinen phänomenologischen philosophie und phänomenologischen philosophie [Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica]*, publicada em 1913,<sup>4</sup> onde ele vai marcar a sua posição mais

---

<sup>2</sup> “É nas épocas de grande perigo que aparecem os filósofos – no momento em que a roda gira com velocidade cada vez maior – eles e a arte ocupam o lugar do mito que está desaparecendo. Contudo, eles surgem muito adiantados, já que a atenção de seus contemporâneos só muito lentamente se volta para eles. Um povo que toma consciência dos perigos engendra o gênio” (NIETZSCHE, 1987, p. 3).

<sup>3</sup> Cf. o “Prefácio” da obra de Husserl aqui trabalhada (2006, p. 15).

<sup>4</sup> Utilizaremos doravante a forma contraída *Ideias* para nos referir a esta obra.

completamente (apesar de os fundamentos compreensivos para a Fenomenologia já terem sido ruminados nas *Logische Untersuchungen* [*Investigações lógicas* – 1900-1901]).

É dessa investigação que poderemos aclarar o próprio conceito de filosofia, a qual vai igualar-se a uma Fenomenologia transcendental ou ciência de essência, mostrando a “descrição” dos fenômenos transcendentalmente reduzidos. Não será, veremos, uma recusa do mundo, em função das abstrações filosóficas, mas o entendimento da necessidade de uma “volta às coisas mesmas”. Quais as nuances desse regresso é o que estará em causa, obviamente.

No percurso que tomamos vamos primeiro caracterizar o que fez da fenomenologia uma expressão filosófica contemporânea; em seguida, achamos importante demarcar o conceito inicial de fenomenologia dado por Husserl, a nova “orientação” da qual reclama, a partir de várias de suas críticas endereçadas à tendência positivista e empirista; nosso derradeiro passo será demarcar as características fundamentais da ciência eidética desenvolvida pelo autor.

### **A fenomenologia como filosofia contemporânea**

Parece ser notória a classificação da fenomenologia husserliana como um empreendimento filosófico contemporâneo. Mas isso, em que medida? A partir de que linha investigativa? Acreditamos haver dois registros importantes sobre isso. O primeiro é aquele que diz Paul Ricoeur: o que nos é contemporâneo seria o que recebeu a chancela dos pensadores da suspeita: Marx, Nietzsche e Freud:

O filósofo contemporâneo encontra Freud nas mesmas paragens que Nietzsche e que Marx; os três levantam-se perante ele como os protagonistas da suspeita, os descobridores de máscaras. Nasceu um problema novo: o da mentira da consciência, da consciência como mentira (RICOEUR, 1988, p. 100).

Ou seja, Marx suspeitaria dos belos discursos, contrastando com a realidade histórica e efetiva dos homens; Nietzsche desconfia da tradição socrático-cristã, onde morrer seria o momento mais sublime da vida; e Freud não via na consciência desperta do homem o livre acesso para o seu ser, mas formas transversais (inconscientes) de acesso a esse “Eu”, como os sonhos, os atos falhos, os chistes. A questão é que tal perspectiva parece não encontrar respaldo na obra de Husserl. Kelkel e Schérer, por exemplo, apontam que o final do século XIX, na Alemanha, tem como horizonte imediato de atenção o fabuloso desenvolvimento das “ciências positivas”, como a matemática. Não vigoram mais, pois, o sistema de Hegel, as ideias de Shopenhauer, e mesmo Nietzsche, Marx e Freud, mais tarde pilares da contemporaneidade, “são praticamente ignorados pelos filósofos universitários que Husserl exclusivamente frequenta” (KELKEL e SCHÉRER, 1982, p. 23).

Em *Dite et écrits* [*Ditos e escritos*, 1984] a posição de Foucault pareceu alinhar-se mais com a dos autores acima, nesse exercício compreensivo sobre esse “contemporâneo” que nos cerca, em se tratando da obra de Husserl (embora referindo-se mais àquilo que aconteceu na França). Modificando alguma coisa aqui ou ali do que tinha escrito no prefácio do Livro de Canguilhem *Le normal et le pathologique* [*O normal e o patológico*], em sua edição americana [1943], dizia Foucault, já em 1984, que as verdadeiras oposições não eram propriamente aquelas entre freudianos ou não, marxistas ou não marxistas, especialistas ou filósofos, universitários ou não universitários; tratava-se mais de entender que duas linhas atravessavam todas aquelas oposições: “De um lado, uma filiação que é aquela de Sartre e Merleau-Ponty; e depois uma outra, que é aquela de Cavallè, de Bachelard, de Koyré e de Canguilhem” (FOUCAULT, 1994, p. 764).

Em suma, uma filosofia da experiência, do sentido e do sujeito, contrária a uma filosofia do saber, da racionalidade e do conceito. Uma distinção – diz logo a seguir Michel Foucault – que obviamente remontava a fins do século XIX, e que significou a cisão em dois blocos da leitura feita pela França das *Cartesianische Meditationen* [*Meditações cartesianas* – 1931], de Husserl: questões postas por *Sein und Zeit* [*Ser e tempo* – 1927], de Heidegger, ou em *La transcendance de l'ego* [*A transcendência do Ego* – 1935], de Sartre, foram leituras contrastantes com as pesquisas de Cavallès sobre a questão do formalismo na matemática (e de tantos outros epistemólogos franceses).

A partir de agora já é possível, então, começarmos a entender devidamente as respostas que Husserl precisara dar à sua época. Doutorando-se em matemática em 1882, na Universidade de Berlim e “desconhecendo” Marx, Nietzsche ou Freud, o horizonte que ele tinha à vista era “a crise do subjetivismo e do irracionalismo (fins do século XIX, princípios de XX)”, como apontara Lyotard (LYOTARD, 1986, p. 9); e o progresso vertiginoso das ciências naturais, lembrando a posição mais acima de Kelkel e Schérer, pelo menos aos olhares menos filosoficamente atentos, assim vai crer Edmund Husserl. Tentaremos a seguir evidenciar, na própria trama argumentativa desse filósofo, suas respostas para esses problemas.

### **O que é a Fenomenologia? Primeiras abordagens**

Danilo Marcondes (2010, p. 261) buscou mostrar que a Fenomenologia, como uma das principais correntes do século XX, tinha seu termo sido usado por Johann Lambert no sentido de “ciência das aparências” e depois por Hegel, como “ciência da experiência da consciência” (MARCONDES, 2010, p. 261); mas, obviamente, seu sentido moderno vai muito

além, ou muito diferentemente dessa utilização inicial do termo. Para Carlos Alberto Ribeiro de Moura, que assina o “Prefácio” das *Ideias...*, na edição aqui utilizada,

(...) pela primeira vez, a fenomenologia se apresenta como uma filosofia ‘transcendental’. Se esse resultado já era ruminado desde 1907, nos cursos que Husserl oferecia aos seus alunos, é apenas em 1913, com a publicação deste primeiro livro de *Ideias*, que ele ganha uma existência pública, oficial e eloquente (...). Aquela doutrina que estreara na cena filosófica alemã em 1900, com as austeras e “realistas” Investigações lógicas, se tornara não só “transcendental”, como também abusiva e delirantemente “idealistas” (MOURA. In: HUSSERL, 2006, p. 15, grifo nosso).

Carlos Moura, buscando mostrar no início que um primeiro conceito de Fenomenologia estaria em ser uma filosofia transcendental, desde já levanta várias indagações dignas de nota: então os objetos se “constituem” graças aos atos da consciência? Então a realidade, para ser como a entendemos, “depende” da consciência? Como, afinal, “medir o sentido e alcance” dos supostos herdeiros de Husserl (os fenomenólogos)? Teriam eles em comum pelo menos o fato de que as ciências como tais não poderiam abolir o saber filosófico? Há de se constatar a grande diferença de contexto vivido por Husserl, e isso certamente poderá explicar o sentido do seu “radicalismo” (ou dureza crítica), conforme observamos no trecho dessa conferência tardia que fez:

É um absurdo considerar a natureza do mundo circundante como algo por si alheio ao espírito e então querer fundamentar, em consequência, a ciência do espírito sobre a ciência da natureza e fazê-la, assim, pretensamente exata. (...) Ofuscados pelo naturalismo (embora o combatam verbalmente) os cientistas do espírito têm descuidado completamente até a colocação do problema de uma ciência pura e universal do espírito” (HUSSERL, 2020, p. 69).

Será aquela diferença de contexto, como dissemos acima, associada à trama argumentativa de Husserl, que poderá aclarar o termo “Fenomenologia”. Salvo contrário estaríamos diante apenas de um conceito vago e inexpressivo. Passos mais largos em direção a isso poderíamos dar investigando as suas obras. Primeiro, expressa-se o autor na “Introdução” das *Ideias...*: “A fenomenologia pura, cujo caminho aqui queremos encontrar, cuja posição única em relação a todas as demais ciências queremos caracterizar e cuja condição de ciência fundamental da filosofia queremos comprovar, é uma ciência essencialmente nova” (HUSSERL, 2006, p. 25). Não estamos aqui diante de um truísmo em Husserl. A sua iniciativa, absolutamente radical, insistimos, é começar algo verdadeiramente novo, inusitado, inaugural. Daí que vai, logo adiante, mostrar que também essa novíssima ciência trata de fenômenos (a

Física, Psicologia, a história também o fazem, tratando da manifestação dos fenômenos físicos, psíquicos ou históricos, respectivamente), mas com uma orientação toda distinta.<sup>5</sup>

A proposta husserliana não buscaria seguir os passos das ciências naturais. Ao mesmo tempo, não implicava em um “menosprezo” por aquelas ciências. Apenas uma correção de “métodos” e de “princípios” deveriam embasar a nova direção. A “Introdução” de *Ideias...* anuncia ao leitor, portanto, e de forma revolucionária, a necessidade de se operar novos “hábitos de pensar”. À Fenomenologia caberá fixar como meta, e isso nunca mais será deixado de lado pelos seus sequazes, “descrever” o fenômeno, aquilo que está “diante dos olhos [e que] exige, ademais, estudos próprios e laboriosos” (HUSSERL, 2006, p. 27, *Ideias...*), uma descrição absolutamente diferente daquele modo usual, no sentido de relatar características fenomênicas das coisas.

Dáí Husserl mencionar três passos da sua proposta: 1- partir do ponto de vista natural, do mundo, tal como o temos diante de nós, da “consciência, tal como se oferece na experiência psicológica”; 2- Desenvolver um método de “reduções fenomenológicas”; 3. até poder se obter o “livre horizonte dos fenômenos ‘transcendentalmente’ purificados e, com ele, o campo da fenomenologia em nosso sentido próprio” (HUSSERL, 2006, p. 27). A Fenomenologia, como veremos adiante, não poderá reter a ideia corrente de “experiência”, ser uma ciência de fatos [*matters of fact*], no sentido de D. Hume.<sup>6</sup> Ela vai querer trabalhar com fenômenos irrealis e será, desde logo Husserl anuncia isso, como um outro conceito para a corrente filosófica que funda – ou para a novíssima ciência que inaugura, ele diria – uma ciência de essência. Mais propriamente falando, não “uma doutrina das essências de fenômenos reais, mas de fenômenos transcendentalmente reduzidos” (HUSSERL, 2006, p. 28, *Ideias...*). O que há de real e de irreal no empreendimento fenomenológico husserliano deveria, pois, ser deslindado, em um processo argumentativo cuidadoso feito pelo autor.

---

<sup>5</sup> Carlos Alberto de Mora adota a expressão “Orientar-se” (*Einstellung*), ao invés de “atitude”, o que aqui seguimos também. Quanto ao fato de colocar no mesmo bloco as ciências naturais e humanas como ciências de fenômenos, em especial a História ou Sociologia, Husserl já nos alertava acerca das suas possíveis peculiaridades: “podemos deixar provisoriamente em aberto se devem ser equiparadas ou contrapostas às ciências da natureza, se elas mesmas dever ser tidas como ciências da natureza ou como um tipo essencialmente novo de ciência” (HUSSERL, 2006, p. 34).

<sup>6</sup> Nos *Essays concerning the human understanding [Investigação sobre o entendimento humano, 1748]*, sabemos que Hume distingue nos “objetos da razão” duas classes: relações de ideias [*relations of ideas*] e questões de fato (*matters of fact*). As proposições da matemática em geral pertenceriam ao primeiro grupo, sendo que sua característica básica estaria em não admitir contradição. Já o segundo momento o admitiria, como quando dizemos: “O sol nascerá amanhã” (HUME, 1989, p. 31). Mas a Fenomenologia não buscará ser uma “ciência de realidades”.

### Enfrentar e vencer os preconceitos naturalistas

Uma questão que vai estar na mira de Husserl, portanto, e que ele busca responder também logo na “Introdução” das *Ideias* era a do psicologismo: teria a Psicologia, prestigiosa à época (fins do século XIX), a condição necessária e suficiente para “converter-se na chave de explicação da teoria do conhecimento e da lógica, retirando essas disciplinas do campo da filosofia” (HUSSERL, 1980, p. VI)? Tomando inadvertidamente as proposições contidas nas *Logische Untersuchungen* [*Investigações lógicas*, 1900/1901], pensava-se ser a Fenomenologia uma “etapa inicial da psicologia empírica”.<sup>7</sup> Bastava a ela, então, descrever os processos imanentes das vivências psíquicas “no âmbito da *experiência* interna” do sujeito, através de todos os processos físicos e químicos que a caracterizariam (HUSSERL, 2006, p. 26). Tal procedimento obedeceria ao rigor do conhecimento que todas as ciências maduras buscavam seguir.

Explicando mais isso, dir-se-ia que as leis lógicas poderiam fundar-se na psicologia, isto é, pretensamente resolvendo o problema de como é possível alcançar a objetividade (HUSSERL, 1980, p. VI). Nesse caso, porém, confundiríamos aquilo que fica na alçada do lógico com o que perpassa a alçada do psíquico. É claro que  $2 + 2$  implica em processos mentais, mas a operação mesma, que dá como resultado 4, está no reino das leis matemáticas que, como tais, embora tenham origem na subjetividade do sujeito que a anuncia, são irreduzíveis a esta.

Confusões e mal-entendidos outros vão existir também na direção maior das posturas positivistas. A norma positivista, segundo a qual a realidade deve associar-se àquilo que é útil, certo e preciso, opondo-se, respectivamente, ao quimérico, ocioso, indeciso e vago deve ser adotada sem reservas? A observação, experiência, razão, feitas por meio das leis naturais são os nossos cânones absolutos (COMTE, 2016, p. 53)?

A proposta husserliana, radical, absolutamente radical, buscará tanto mostrar as falhas, incompreensões, preconceitos e dogmas presentes nessa visão naturalista, quanto propor um caminho diverso, onde a Filosofia vai aparecer como ciência maior e verdadeira, uma “novíssima ciência”, nas palavras do autor. As portas de entrada para essa nova Filosofia, também chamada de Fenomenologia transcendental, precisaria ser bem aberta, caso contrário pouco entenderíamos acerca da verdadeira odisseia feita por Husserl no ambiente inóspito e hegemônico das ciências naturais em fins do século XIX e início do XX.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Que a Psicologia seja uma ciência empírica, tal a compreensão e situação teórico-metodológica à época, evocada por Husserl em vários momentos da sua *Ideias* (HUSSERL, 2006, p. 59).

<sup>8</sup> Não teve a Filosofia uma importante sobrevida aí, a fim de nos dar mais tempo para elevar ao seu valor devido a necessidade de saberes críticos?

O leitor das *Ideias*, contudo, só mais adiante poderá ver o balanço do empreendimento do “naturalismo empirista” na perspectiva de Husserl. Próximo do que o fizera Kant na sua *Kritik der reinen vernunft* (*Crítica da razão pura* – 1781), aparentemente, busca Husserl divisar os méritos daquela proposta científico-metodológica. Como em Kant, a meta geral de retirar preconceitos, superstições, “ídeos”, imaginações é bem-vinda. Mas Husserl não se demora no que para Kant fora uma primeira “revolução” na esfera do conhecimento, ao forçar a natureza a se mostrar, antes que construir edifícios especulativos, criando filosofias dogmáticas.<sup>9</sup>

Ora, como o próprio Husserl já tinha se voltado, nos momentos mais anteriores das *Ideias*, para a construção de uma ciência eidética, como ele mesmo não recairia na crítica das construções imaginárias rechaçadas pelo naturalismo empirista? Tratava-se, pois, de dar uma resposta urgente ao problema. E tal resposta não tinha a ver, como em Kant, com uma re colocação da originalidade do transcendental em mim, dizendo que os objetos é que se regulavam por esse *a priori*:

Ora, admitindo que o nosso conhecimento por experiência se guia pelos objetos, como coisas em si, descobre-se que o incondicionado não pode ser pensado *sem contradição*; pelo contrário, *desaparece a contradição* se admitimos que a nossa representação das coisas, tais como nos são dadas, não se regula por estas, consideradas como coisas em si, mas que são esses objetos, como fenômenos, que se regulam pelo nosso modo de representação, tendo conseqüentemente que buscar-se o incondicionado não nas coisas, mas na medida em que as conhecemos (KANT, 1985, p. 22).

Diversamente disso, o projeto especulativo da nova ciência filosófica dará um tom extremamente outro acerca da recomendação kantiana de não irmos para “além da experiência possível”. Se o mundo natural nunca será descartado na filosofia husserliana (a própria consciência, *cogito*, como propriedade desta,<sup>10</sup> não existe sem o seu *cogitatum*, as “coisas” que se insinuam à consciência), Husserl vai querer, não obstante, como mostraremos a seguir, caracterizar a Fenomenologia como descrição de essência, pois é mais do que legítimo um conhecimento caracterizar-se por ser “*amostragens de princípio*”, por exprimir “fielmente diferenças que nos são diretamente dadas na intuição” (HUSSERL, 2006, p. 59). Esta é a resposta a Kant.

Para o empirista inadvertido, e Husserl fala aí de um “erro de princípio da argumentação” (HUSSERL, 2006, p. 61), voltarmos os olhos para as coisas como tais

---

<sup>9</sup> A proposta de Kant é fazer uma revolução “completa” do conhecimento, ou seja, retomando a revolução científica anterior como passo importante, mas a aprofundando. Toda essa temática pode ser vista no “Prefácio da segunda edição” da *Kritik der reinen vernunft* (KANT, 1985, p. 15-33).

<sup>10</sup> Nas *Méditations* [1641], Descartes descreve esse propriedade do Eu, como ser pensante: « Que é uma coisa que pensa? É uma coisa que duvida, que conbebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente. Husserl mantém essa classificação inicial (DESCARTES, 1979, p. 95).

significaria concedermos à apreensão da experiência (algo que, à minha frente, eu posso ver, descrever, experimentar, agir sobre como ato de pura reflexão do dado) a “fundação de todo conhecimento” (HUSSERL, 2006, p. 61). Ou então, em outras palavras, alça-se aí a um pensamento subentendido segundo o qual “todos os juízos” exigem e admitem “fundação na experiência” (HUSSERL, 2006, p. 62). Mas como entender esse “ver”? Para Husserl, não poderemos estar falando de um ver sensível ou empírico. Um empirista, por exemplo, não poderia nos explicar como a sua visão direta nos dava a certeza da expressão “todo pensar válido se funda na experiência” (HUSSERL, 2006, p. 65), pois essa experiência só me dá efetivamente coisas na sua singularidade. Uma generalidade como a da proposição acima só pode ser encontrada no reino da “intuição”, de um ver por dentro, por assim dizer, sem correspondência direta com uma exterioridade.<sup>11</sup>

Por não levar às últimas consequências as suas ideias, por não ter posto devidamente em discussão seus princípios mais básicos, Husserl quase parte para uma ironia: ora, nós que buscamos os verdadeiros fundamentos das ideias, que não partimos de posições preconcebidas, que avaliamos com rigor os juízos e proposições, ao contrário de vocês, empiristas céticos, nós é que somos os “verdadeiros positivistas”.<sup>12</sup>

Utilizando-se do método das ciências naturais, a crença tácita, e tida como certa, era a de que a única realidade é a natureza (naturalismo), e a psicologia seria um caso particular desta. Ora, a proposta fenomenológica vai querer ser uma construção filosófico-especulativa apartada do mundo? Um dos lemas da nova corrente será, ao contrário: “é preciso voltar às coisas mesmas” – frase, porém, que fica incompreensível caso não se passe a entender como é essa “volta”. Certamente não é virando os olhos para um mundo que “naturalmente” se mostra a mim em toda a sua translucidez; mas esse “mundo” ou “coisa”, agora atentos à palavra alemã que a anuncia, é construído por Husserl não se utilizando da expressão “*ding*”, sentido usual de “coisa”, mas de “*Sachen*”, que significa questão, problema: “*Zu den sachen selbst*”.<sup>13</sup>

O ceticismo empirista identificou, portanto, erroneamente, experiência e ato doador originário: “O erro de princípio da argumentação empirista reside em que a exigência fundamental de retorno às coisas mesmas é identificada ou confundida com a exigência de

---

<sup>11</sup> O papel da intuição na fenomenologia posterior, a caracterização da visão, da percepção, da forma de contato com o mundo marcarão, certamente, enormes diferenças em relação à proposta husserliana, embora as partes seguintes das *Ideias...* não deixe de abrir enormes horizontes para a construção de perspectivas diversas, menos voltada para uma resposta a ser dada às ciências.

<sup>12</sup> Resgatando a frase completa do autor: “Se ‘positivismo’ quer dizer tanto quanto fundação, absolutamente livre de preconceitos, de todas as ciências naquilo que é ‘positivo’, então somos *nós* os autênticos positivistas” (HUSSERL, 2006, p. 64).

<sup>13</sup> Não teremos espaço, contudo, para abordar essa questão aqui em seus pormenores.

fundação de todo conhecimento pela *experiência*”, (HUSSERL, 2006, p. 19); ora, como eu posso “*Afirmar* incontinentemente que *todos* os juízos admitem, e mesmo exigem, fundação na experiência, sem ter antes submetido a *estudo* a essência dos juízos em todas as suas variedades” (HUSSERL, 2006, p. 61).

Para Husserl o que se viu, na verdade, foi uma espécie de falha (para não usarmos a expressão forte de retrocesso) no campo do saber. Os céticos da Antiguidade colocavam sob suspeita o conhecimento das coisas, enfrentavam essas questões, partindo de uma investigação que não fechava os olhos para o seu campo problemático. O que fez a ciência? Recusou-se a enfrentar os postulados céticos, absorvida apenas pelo sucesso prático do seu método de trabalho:

A ciência natural cresceu porque pôs de lado, sem nenhuma cerimônia, o ceticismo antigo, que vicejava exuberante, *renunciando* a vencê-lo. Em vez de se extenuar com questões enganosas e estapafúrdias, de saber como o conhecimento da natureza ‘externa’ é possível, como poderiam ser solucionadas todas as dificuldades que os antigos já encontravam nessa possibilidade, ela preferiu lidar com a questão do *método correto* do conhecimento natural a ser obtido efetivamente na maior perfeição possível, do conhecimento na forma da ciência exata da natureza (HUSSERL, 2006, p. 64).

Ora, a proposta da fenomenologia nascente husserliana identifica esse desvio feito pela ciência e busca agora enfrentá-lo. Se “Da matemática e de tudo o que é eidético os cientistas naturais *falam*, portanto, *ceticamente*, mas em sua metodologia eidética eles procedem *dogmaticamente*” (HUSSERL, 2006, p. 64), caberá a Husserl não deixar isso sem análise, caberá mostrar como os saberes encontram a sua fundação. O que requer não ficarmos a meio caminho do entendimento, como o fez a ciência naturalista. Enfrentar os desafios, ao invés de contorná-los, Descartes disso nos ensinou. A primeira tarefa do filósofo que não quer ser cético ou dogmático é, portanto, assumir essa meta cartesiana incontornável, esse “significado eterno” de começar do marco zero, a tudo colocando em dúvida.<sup>14</sup> Daí a divisão que faz Husserl entre “ciências de orientação dogmática e “investigações científicas de ordem epistemológica, *especificamente filosóficas*” (HUSSERL, 2006, p. 64).

---

<sup>14</sup> A leitura que fez das *Meditationes* [1641] de Descartes influenciou-o a tal ponto que quase se poderia identificar a Fenomenologia a um “neocartesianismo”, embora no final tivesse que “rejeitar quase no seu todo (...) o bem conhecido teor doutrinário da filosofia cartesiana” (HUSSERL, 2013, p. 39). De qualquer maneira, a meta do filósofo francês se tornou um ponto de partida obrigatório: “Todo iniciante em filosofia conhece a notável e surpreendente sequência de pensamentos das *Meditações*. Vamos recordar sua ideia e diretriz” (HUSSERL, 2001, p. 19).

### Ciência de fato e ciência de essência: alicerces da fenomenologia

A primeira sessão do capítulo I das *Ideias* faz um balanço das posições correntes de duas instâncias que transitam em um mesmo patamar: a das nossas crenças naturais e das ciências.<sup>15</sup> É praticamente uma exposição de ideias correntes, tranquilas e tidas como certas, às quais deverão sofrer severas modificações, mas que na verdade estavam lançando ao leitor ideias que seriam tratadas em partes posteriores das *Ideias*. Em todo caso, já vai adiantar Husserl, tanto na nossa vida cotidiana quanto nas ciências oriundas dessa orientação diz-se que estamos diante de um “mundo”, que há uma correspondência verdadeira dos nossos enunciados quando nos referimos a esse mundo, presente aí como “*doação originária*” e que a “percepção” é a “intuição *doadora* da primeira esfera ‘natural’ de conhecimento e de todas as suas ciências” (HUSSERL, 2006, p. 33). Ora, a meta da Fenomenologia será justamente fazer uma ultrapassagem das posições acima, que creem, aliás, numa conjunção entre esse algo que, sendo verdadeiro na esfera fenomênica, faz com que “eu” atinja o que é efetivo e real.

Não é à toa, portanto, que uma das tarefas primeiras das suas *Ideias* seja, justamente, pôr a nu essas concepções rápidas e infundadas. Uma delas consistiria em ver uma inseparabilidade entre fato e essência numa proposição científica. É verdade que a ciência toma eventos individuais, contingentes, presos em certo espaço e tempo para suas análises. Mas se a ciência busca tirar daí as suas leis, é porque existe algo de “necessidade” na empreitada científica – Husserl vai dizer: de “*generalidade eidética*”, de “*predicáveis essenciais*”, a partir dos quais eu posso reduzir todas as particularidades ocasionais que os objetos, em tese, se nos apresentam. Nessa medida, posso escutar vários sons, diferentes entre si, mas a essência “acústico em geral” está aí presente (HUSSERL, 2006, p. 35).

A Fenomenologia husserliana não vai querer, pois, ser um idealismo absoluto, dissolvendo os objetos do mundo (e da ciência) a meras construções filosófico-essencialistas. Uma intuição de essência, ou uma visão de essência, só está aberta para nós porque algo se nos apareceu “em carne e osso” (*Fleisch und Knochen*). Husserl, assim, pretende assegurar à sua novíssima ciência a condição inicial de manter a premissa de ciência de fenômenos (!), só então a “reduzindo” ao transcendental, embora deixando asseguradas as diferenças em cada momento (o que constataremos adiante):

---

<sup>15</sup> Há uma longa discussão sobre se a ciência se caracteriza por ultrapassar o senso comum ou se apenas o prolonga. Veja-se, por exemplo, as posições antagônicas de Bachelard (1996) e Rubem Alves (2000). Husserl estaria mais próximo do segundo, uma vez que a Filosofia é que verdadeiramente se afasta das atitudes natural e científica. Embora isso ocorra apenas como uma espécie de tomada de consciência: porque eu ainda permaneço na atitude natural, ou seja, sou “a todo instante *eu transcendental*, mas só me dou conta disso ao efetuar a redução fenomenológica” (HUSSERL, 2001, p. 55).

Faz parte, certamente, da especificidade da intuição de essência que em sua base esteja uma parcela importante de intuição individual, isto é, que um algo individual apareça, seja visível, embora não naturalmente uma apreensão dele, nem posição alguma dele como efetividade: é certo, por conseguinte, que nenhuma intuição de essência é possível sem a livre possibilidade de voltar o olhar para um algo individual “correspondente” e de formar uma consciência exemplar (HUSSERL, 2006, p. 37).

Ao mesmo tempo, porém, e essa é uma parte difícil e crucial no pensamento husserliano, não significa dizer que a “ideação”, o juízo sobre uma essência, aquilo que uma coisa é (HUSSERL, 2006, p. 35), fora fruto de “*objetos sobre os quais*’ se formula o juízo” (HUSSERL, 2006, p. 37). Em outras palavras, é claro que eu vejo (ou imagino) coisas, em primeiro lugar. O mundo está aí, e Husserl já o dissera, e nós o repetimos: “em carne e osso”, o que quer dizer que ele existe independentemente de mim. Não estamos diante de uma qualquer construção imaginária oriunda de um sujeito instalado em sua solidão absoluta de consciência (embora seja legítimo imaginar, por exemplo, um unicórnio, espécie de cavalo com chifre).

Mas o processo da “ideação” deverá guardar suas especificidades. Além disso, suas contrapartidas: foi necessário um contato com o “mundo” (natural ou imaginário) para que esse “algo que é” pudesse ser concebido. Em síntese, a “intuição individual”, onde um “isto” se põe diante de mim, não é uma sua presentificação/representação. Intuição empírica ou consciência intuitiva, para Husserl, é o ato de “trazer o objeto à doação” (HUSSERL, 2006, p. 37), completada por uma intuição de essência, guardadas ambas as suas diferenças de “princípio” (HUSSERL, 2006, p. 37-38) e verdadeiro caminho a ser desbravado por Husserl na constituição da novíssima Fenomenologia.

Precisaremos esperar mais um pouco para entender o que significa “trazer o objeto à doação”. O que se pode realçar de antemão é que uma constatação “negativa”, por assim dizer, de que certo objeto mesmo não vem a mim como uma doação originária é a noção husserliana de “inadequação” das essências. Enquanto que se poderia pensar que certa ciência me traz o objeto na sua pureza, clareza, evidência daquele sujeito – eu mesmo – que o percebe à luz, o que posso dizer desse objeto mundano senão que só o consigo ver (compreendê-lo, em sentido teórico) em um dos seus lados, até em vários desses lados, mas nunca vê-lo “por todos os lados” (HUSSERL, 2006, p. 36)?<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Numa perspectiva mais atual, guardando as devidas proporções e diferenças, Popper (obviamente preso à dimensão naturalista, pela ótica de Husserl) já mostrava o quão era difícil ou ambíguo registrar pura e simplesmente o que estamos experimentando agora: “devo registrar o que estou escrevendo; que estou ouvindo um sino tocar; um menino gritar, um auto-falante zumbir; ou devo, talvez, registrar que esses rufos me irritam? (...) Uma ciência requer pontos de vista e problemas teóricos (POPPER, 1972, p. 113).

Voltando os olhos para as proposições científicas, uma importante distinção de Husserl aparece na análise de duas leis da ciência: “‘todos os corpos são pesados’” e “‘todas as coisas materiais são extensas’”. Para Husserl, a primeira expressão significaria uma “*generalidade irrestrita das leis naturais*”. É verdade que nesse caso nenhum objeto mundano se me aparece individualmente, não estou falando disso ou daquilo. Entretanto, “ela continua implicando sempre uma posição de existência” (HUSSERL, 2006, p. 41). Ou seja, sinalizo para objetos que fazem parte da natureza, instalados em suas efetividades espaço-temporais.

Quanto à outra distinção husserliana, trata-se agora da própria característica basilar da novíssima ciência proposta por ele. A intenção é aportar-se em uma “*generalidade eidética*” ou “validez (...) eidética pura” (HUSSERL, 2006, p. 41, grifo do autor). Nesse caso, há uma necessidade no juízo, e será dessa ordem, repetimos, que a Fenomenologia deverá pautar-se, elevando-se a todos os saberes humanos/ciências então constituídos até o momento.<sup>17</sup>

Tínhamos falado mais atrás (nota 6) sobre a distinção humeana entre ciência de fato e relações de ideias. O que busca fazer Husserl aqui é algo um tanto distinto, a saber, distinguir ciências de fato de ciências de essência. As primeiras, referindo-se aos “cientistas naturais”, reclamam os procedimentos metodológicos da observação e da experimentação, os quais não estarão em postos privilegiados.<sup>18</sup> As segundas, chamadas também de “puras”, como a matemática, lógica e “doutrina do tempo, do espaço, do movimento etc.” (HUSSERL, 2006, p. 42), terão como “ato fundante último” – e aqui entramos no coração da Fenomenologia husserliana – uma “apreensão intuitiva de essência” (HUSSERL, 2006, p. 42).

Pensemos no axioma “a menor distância entre dois pontos é uma reta”. Tal proposição independe de uma averiguação na natureza, observando ou experimentando situações de fato. “Independência” *factica*, pois, caracterizará as ciências de essências, enquanto que uma relação de dependência lógica marcará a relação das ciências de fato com as ciências de essências.<sup>19</sup> Diríamos que Husserl vai até mais longe. Quase que antecipando, por assim dizer, uma ideia de

---

<sup>17</sup> Não se pode esquecer que Kant chegou a relacionar, na “Segunda Edição” da sua *Kritik der reinen vernunft* (*Crítica da razão pura*), as ciências que até então tinham seguido ou não um caminho seguro da ciência, aquelas que eram mais ou menos avançadas até então. A Matemática e a Física não “caíram em dificuldades” para chegar à sua meta, não ficaram “voltando atrás”, e não tiveram problemas para alcançar “unanimidade” entre os pares (KANT, 1985, p. 15). A fenomenologia de Husserl buscará ir além daquela ciências...

<sup>18</sup> Ainda se referindo ao “Prefácio da terceira edição” de Kant, diz este autor que a segunda grande revolução do saber, após o empreendimento da matemática desde a Grécia, foi feita pelos empiristas modernos, doravante substituindo a pura imaginação filosófica pela orientação de “forçar a natureza a responder às suas interrogações em vez de se deixar guiar por esta” (KANT, 1985, p. 18). Permanece questionável saber até que ponto Husserl comunga com isso, sendo mais fácil manter a ideia de prevalência valorativa das ciências formais em relação às empíricas.

<sup>19</sup> Acreditamos que, nesse aspecto, Husserl se aproxima bastante de Kant, para quem a lógica seria a antecâmara das ciências (KANT, 1985, p. 16).

Bachelard,<sup>20</sup> argumenta que o progresso das ciências naturais será tanto maior quanto mais se aproxime das ciências formais:

Também sob o aspecto *cognitivo-prático* pode-se de antemão esperar que, quanto mais uma ciência empírica se aproxime do nível ‘racional’, do nível da ciência nomológica, ‘exata’, ou seja, em quão mais alto grau ela tenha em seus alicerces ciências eidéticas aprimoradas e delas tire proveito para suas fundações, tanto mais aumentará também em amplitude e força seu desempenho cognitivo-prático (HUSSERL, 2006, p. 45).

## Conclusão

A distinção husserliana entre ciência de essência e ciências de fato, como dissemos no início da nossa exposição, foi entendida por ele como pilares da novíssima ciência que ora anunciava, a Fenomenologia. Tratava-se de demarcar com todas as letras o espaço real entre aquelas, mostrando, ao mesmo tempo, o vigor e tarefas superiores reservadas à primeira.

Tentamos evidenciar o esforço hercúleo do autor em mostrar as falhas, preconceitos e incompreensões presentes naqueles que buscavam apenas propalar os feitos das ciências naturais – cujo método, em fins do século XIX, estendia-se a todos os ramos do saber científico, incluindo as ciências humanas – mas que não sabiam discorrer acerca do fundamento das mesmas. Quem seria, então, o autêntico positivista? Não o seria o fenomenólogo transcendental, só ele apto para realizar um discurso compreensivo acerca da estruturação dos saberes e nos conduzir para o lugar da certeza, à “ideação”?

Acreditamos que os esforços husserlianos tiveram uma dupla consequência: de início, foi uma grande investida contra esse imperialismo das ciências naturais e seus métodos “positivos”: a Filosofia respirou um pouco mais, ela pôde manter-se como saber autônomo e se lançar para futuras empreitadas, como se viu nas propostas de Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty e tantos outros. Em segundo lugar, embora tenha se aventurado em uma filosofia especulativa, em uma nova consideração acerca do tema das “essências”, já bastante criticado por Kant um século atrás, seus argumentos se mostraram pertinentes e profundos. Em suma, se tal meta de constituição de uma nova ciência (-filosófica) ficou no meio do caminho, contudo, bifurcando-se para fenomenologias com tons diferentes, os horizontes já tinham sido abertos por uma mente brilhante e extemporânea.

---

<sup>20</sup> Para Bachelard em *La formation de l'esprit scientifique: contribution à une psychanalyse de la connaissance* [1938], haveria três estádios evolutivos na ciência, o *concreto*, o *concreto-abstrato* e o *abstrato* (uma equação matemática como a da força:  $f=m.a$  – exemplificaria o terceiro caso), declara veementemente a importância do trabalho de abstração na ciência (BACHELARD, 1996, p. 11).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. *Filosofia da ciência*. São Paulo: Loyola, 2000.
- ARION, K; SCHÉLER, R. *Husserl*. Tradução de Joaquim Rosa. Lisboa: Edições 70, 1982.
- BACHELARD, G.. *A formação do espírito científico*. Tradução de Estela Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- COMTE, A. *Discurso sobre o espírito positivo: ordem e progresso*. Tradução de Walter Solon. São Paulo: Edipro, 2016.
- DESCARTES, R. *Meditações*. In: *Descartes*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- FOUCAULT, M. “La vie: l’expérience et la Science”. In: \_\_\_\_\_. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994.
- HEGEL, W. F. *Princípios da filosofia do Direito*. Tradução de Orlando Vitorino. Lisboa: Guimarães, 1990.
- HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano*. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1989.
- HUSSERL, E. *Investigações Lógicas; sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento*. Tradução de Zeljko Loparic e Andréa Loparic. São Paulo; Abril Cultural, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Tradução de Márcio Suziki. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Meditações Cartesianas*. Introdução à fenomenologia. Tradução de Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela dos Santos e Alexandre F. Morujão. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1985.
- KELKEL, A.; SCHÉLER, René. *Husserl*. Tradução de Joaquim Rosa. Lisboa: Edições 70, 1982.
- LYOTARD, J-F. *A Fenomenologia*. Tradução de Armindo Rodrigues. Lisboa: Edições 70, 1986.
- MARCONDES, D. *Iniciação à história da filosofia*. Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- POPPER, K. *A lógica da pesquisa científica*. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny da Mota. São Paulo: Cultrix, 1972.
- NIETZSCHE, F. *O livro do filósofo*. Tradução de Rubens Frias. São Paulo: Moraes, 1987.
- ROCHA, J. “Husserl: crise na ciência e ontologia transcendental”. In: Polymátheia. Ceará (UECE), v. 11, nº 19, 2018, p. 126-143.
- ZILLES, U. *Panorama das filosofia do século XX*. São Paulo: Paulus, 2016.